

O ARARIPE.

CRATO

N. - 40

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideias livres, proteger a causa da justiça e promover pela fiel observância da Lei, e interesses locais. A redacção só é responsável pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverão vir legalizados.



O preço da assignatura é
Por um anno 4\$000
Por 6 meses somente 3\$000
O jornal sairá todos os sabbados.
Os assignantes terão gratis oito linhas por mez, as mais serão pagas a 60 reis cada uma.

SABBADO 12 DE ABRIL DE 1856. RUA DA MATRIZ.
TYPOGRAPHIA DE MONTE & COMP.

O ARARIPE.

S. Exc.^o o Sr. Presidente Paes Barreto, no seu louvavel desejo de attenuar, quanto caiba em seu governo, os terriveis effeitos do cholera, que hoje infelizmente grassa na provincia, lembrou-se de encumbrar as medidas de salvaçãõ publica á juntas de quatro membros, que criou em cada uma de nossas villas, procurando compol-as com aquellas pessoas que ou por seus empregos, ou pela sua consideraçãõ nos lugares davaõ esperança de desenvolverem alguma energia e faserem mesmo sacrificios pessoas em favor das populações collocadas em situaçãõ taõ desesperada. Infelizmente, não grado sua expectativa, suas admoestações fraternas; essa coragem, que procura inspirar no meio do cortejo de horrores com que se nos figura a appareição pré-tes desse flagello, algumas das taes commissões nem sequer tião vida e coragem para responderem aos officios de S. Exc.^o! Não é que o medo lhes tenha tolhido a penna, é que a ineptidão desses Srs. suas posições e relações, não forão consultadas e attendidas pelo honrado Presidente, que devia dar todo o peso a essa consideraçãõ, quando criava uma commissãõ tal, que por isto mesmo que estava empenhada em uma causa desesperada devia ser composta de pessoas, que inspirassem sympathias, tivessem energia para obrar em quadra semelhante, e sobre tudo enxergassem alguma cousa. Assim é que dormem as commissões em quanto o mal avança do norte para o sul da provincia. A commissãõ sanitaria desta cidade, cuja escolha foi felis, é a unica em nossa comarca, que cumpre seus deveres, tendo à sua frênte o Sr. dr. Jaguaribe, que a nada se tem poupado e que tudo tem feito que lhe possa atrahir o eterno reconhecimento desta cidade. A da Barbalha notadamente é mais uma infelicidade que pesa sobre aquella villa: gente desasada para semelhantes cousas, imbecil completamente, nem si quer poderaõ arranjar um officio respondendo o do Sr. Presidente! Distinguimos entre os quatro um Sr. membro. Tendo-lhe S. Exc.^o prescripto, como medida urgente, a factura de um cimiterio inda mesmo de madeira, e mandando-lhes um credito para as despesas de semelhante obra; não obstante ser ella reclamada pela salubridade publica, e o voto

constante da populaçãõ, que vê em sua matris, o mais novento templo da provincia, um foco de miasmas que amiaça, de ha muito, desenvolver alli um mal perigoso; não obstante haver uma subscripçãõ dos habitantes, uma verba no orçamento da camara, todavia a obra não se fará! É muita falta de caridade, permita-nos a commissãõ dizer!

Ultimamente o Sr. dr. Jaguaribe, que tem sido incansavel em preparar todos os meios de attenuar a mortalidade propinqua, e que a nada se tem poupado, despendendo até de seu bolso, tendo a visitado, horrorisou-se do espetaculo triste de uma semelhante matris, que os fieis vaõ abandonando por não suportarem mais o não cheiro que exala. Não contando talvez com tal commissãõ, q' dorme o somno da indolencia, se tem derigido ao Sr. Antonio Manoel Sampaio, pedindo em nome da populaçãõ daquela villa, que se encumba de faser essa obra, e offerece seu escravo para serviços de carpinteiro, com tanto que cessem ja os intterramentos no recinto acanhado da matris: ao Vigario pedia que fizesse cessar os intterramentos na matris e quanto antes benzesse um terreno, onde elles se fossem desde ja fasendo. No lugar da commissãõ sanitaria da Barbalha, qual quer homem que ligasse importancia à execuçãõ de seus deveres, soffreria um choque moral, vendo que um estranho lhes pede por especial favor, e invoca os deveres de humanidade para obter particularmente uma cousa, que ella devesse ter feito. Isto vale uma reprehensão. Pelo interesse que tomamos por todos os melhoramentos do lugar ao Sr. dr. Jaguaribe agradecemos seus bons officios de concidadaõ, e não podemos deixar de lamentar tanta incuria da parte daquelles, q' honrados pela confiança da Presidencia, e emprasados pelo clamor publico, deviaõ ter, nas circunstancias criticas em q' nos achamos, um procedimento todo de patriotismo, e devotamento.

QUEM TAL O DERIA ?

Os agraciados do imperio; os benemeritos da patria estão a braços com a policia! Foi o governo imperial quem os mandou ás prefeituras passar pelas indagações da policia. Uma graça suppõe serviços e probidade, ninguem pois acreditaria que entre elles houvessem homens taõ vis que transgredissem a lei por amor de furtarem-se a peque-

ILLEGIVEI

nos despendios, e sem mais cerimoniaes se posessem a medalha ao peito. O governo imperial veio tirar-nos deste equivoco. Não ha essa prohibidade absoluta nos seus agraciados, não ha essa nobreza que exclue a traficancia. Agora por maduro juizo e bem pensada resolução do ministro do imperio todos os agraciados serão chamados a policia para exhibirem seus titulos: aquelles que o não fiserem, soffreraõ as penas comminadas na lei!

Achamos este acto tão feio para o governo, que julgou benemeritos todos esses Srs., como para aquelles, que envileceraõ semelhante honra, não julgando-a á par da quantia em que é taxado o diploma della, e ao mesmo tempo fazem contrabando das medalhas, usando-as sem o competente titulo.

No nosso entender houve ahí um attentado moral contra os benemeritos da Patria. Suppor que entre elles também hajaõ contrabandistas é por certo fazer uma ideia triste de seu merito. O governo revellou-se. Nem sempre a honra foi um titulo á sua munificencia; no Panteon da patria a muita gente *safada* se tem mandado entrar.

Uma condecoração pois val um bamburro, e nada mais. Um condecorado pode ser um scelerato, por quem se entresse um compadre favorito, podia ser mesmo um calceta, si um calceta dêsse bailes.

Não existe por tanto entre nós esse signal de reconhecimento do paiz. Uma medalha é um infente, um galanteio de cortesões adamados. Para premio de uma bella acção, de um serviço á patria, de um grande rasgo de humanidade, subziste o esquecimento. O esquecimento vale no Brasil a cruz da Legião de honra de Napolião. *O Puritano.*

SEM RELIGIAO, A ORDEM PUBLICA HE IMPOSSIVEL.

(Continuação do numero 38.)

E não julgemos além disto, para o notarmos de passagem, que o atheismo jámais se manifesta, senão pela indiferença, pelo esquecimento, e pelo desprezo da Religião: elle tem igualmente as suas perseguições, e os seus furores. Rousseau, a quem os paradoxos mais irreflectidos não custavão cousa alguma, julgou, que podia dizer, que o atheismo não faz derramar o sangue; asserção, que a experiencia tem mui claramente desmentido á nossa vista. Nunca o sangue humano correu com tanta abundancia, como debaixo do imperio do atheismo. Não nos admiremos: quando só se vê na especie humana huma familia de plantas, ou só huma raça particular de animaes, será para admirar, que se não tenha para com ella mais que desprezo, e que se faça hum divertimento das suas dôres e da sua morte? Assemelhando o homem aos brutos, habituão-se a trata-lo como elles; neste ponto além disto a barbaridade está tanto mais tranquilla, quanto, estando desembaraçada do temor da Justiça Divina, ella não conhece o remorso: he na verdade especialmente aos atheos, que se applicão mais literalmente estas palavras do Sabio [*Prov XII*]: "As entranhas dos impios são cruéis, *viscera impiorum crudelia*. O mesmo Voltaire o tinha presentido, quando dizia: "Se o mundo fosse governado por atheos, valeria mais existir debaixo do imperio immediato desses seres infernaes, q' se nos pintão, como encarniçados sobre as suas victimas. "

Sei, que o maior numero dos incredulos recua de horror diante dos abyssos do atheismo, que se gloria de reconhecer hum Deos, e mesmo de celebrar as suas grandezas: he deista. Sejamos de

boa fé, Senhores; sem ser, se quizerem, tão fatal, como o atheismo, pensais vós, que o deismo basta para a conservação da ordem publico? Pergunto, que idéa forma o deista de Deos e da sua providencia, da sua bondade e da sua justiça, das suas recompensas e dos seus castigos na vida futura? A' cerca destas cousas não são as suas idéas vagas, incertas, dependentes das suas paixões e dos seus caprichos? Que regra de conducta faz elle derivar da sua opinião? Que apoio encontra nella a moral, e a sociedade? Se comparardes a sua conducta habitual, que differença notais entre o atheo, e o deista? Não he verdade, que o deismo na theoria se assemelha muito e muito ao atheismo na pratica; que de ambos os lados ha quasi o mesmo esquecimento da Divindade, de toda a obrigação de toda a homenagem para com Ella, de todo o esforço e de todo o sacrificio para lhe agradar? Não teria Bossuet fundamento para dizer, que o deismo não era mais que hum atheismo disfarçado? Convém muito notar, Senhores, que sempre huma religião qualquer, mais ou menos perfeita, presidio a todas as sociedades civilizadas; he huma regra invariavel, que não tem soffrido huma unica excepção desde que o sol alumia o mundo, e certamente não nos pertence desmentir a sabedoria dos seculos: ora, pela Religião sempre os povos entenderam, não algumas opiniões especulativas, estereis ácerca da Divindade, mas huma união de crenças, de deveres, e de homenagens piedosas: disto se compõe as cadeias invisiveis, mas poderosas, que não ligão os homens a Deos seu pai commum, senão para os ligarem mais estreitamente huns aos outros. Dizemos pois, que o deismo não he mais que huma base perniciosa para a ordem social; o deismo he huma opinião, e não huma religião. (*Continua.*)

A ACTUALIDADE.

Não seremos nós que nos illudiremos sobre a actualidade.

O homem, sem ser profeta, pôde, nos limites da razão, combinar os factos, e julgar do futuro com maior ou menor segurança. Gostamos de pensar; e não costumamos avaliar superficialmente as coisas que nos parecem graves, como consideramos a situação presente; quer sob o ponto de vista politico e administrativo, quer sob o ponto de vista economico.

Não é a primeira vez que o dizemos; porem não nós parece não que o repetamos; porque á imprensa conscienciosa corre o dever de illustrar a opinião publica e de guial-a.

Não temos a estulta presumpção de nos suppor-mos habilitados para metter hombros á essa grande empreza social; apenas, sim, queremos desafiar a contestação, para que outros mais illustrados discutam o nosso estado politico, administrativo, industrial, e moral. — Talvez estejamos em erro, a discussão nol-o mostraria, si a houvesse mais calma.

Esta época é por muitos, ou, geralmente, tomada como — quietação, e de — repouso; — alguns dizem mais — que é de conciliação — e até ha quem accrescente — que é de — grandes esperanças.

Não as nutrimos, porque não vemos que os meios administrativos a isso se encaminhem. Não caluniamos as intenções, salvamol-as até um certo ponto; mas os meios, si desejos ha de melhorar a situação dos negocios, parecem-nos pouco felizes.

Antes de tudo, cumpria plantar-se no publico uma fé robusta nas intenções do governo para conseguir o bem. E' o que se não vê. As medidas administrativas ou não sahem da esphera dos actos ordinarios, ou nesses mesmos actos se revela uma tendencia sem côr previdente para regenerarnos.

Ha muito descuido do presente, e mais ainda do futuro; ou antes, do presente cuida-se, mas com pouco apreço do futuro, cuida-se do presente, unicamente para salvar ou proteger interesses de que não são os do paiz, interesses de actualidade representados em pessoas.

A politica é ainda entre nós unicamente individual. Quando se quer ter esperanças de que passa a ser de principios, amarga decepção.

A confecção dos circulos nol-o vae mostrando.

Temos em mão o plano da organização dos circulos em Minas, não resumido, como já o publicamos, mas detalhadamente, e por elle vê-se que as verdadeiras conveniencias dos povos foram preteridas pelas dos candidatos.

Quereis saber o que muito desmoralisa um governo, e um paiz? E' a execução das leis, quando não é feita segundo o seu espirito, mas conforme a intelligencia apaixonada, ou acção interessada da authority executora.

Quer-se a conciliação; mas como? com palavras, e com individualidades, que se destacam? — Si mente-se aos principios, o que é a conciliação, senão o falseamento dos mesmos principios, e a desmoralização administrativa de envolta com a das idéas politicas que se quer baralhar.

Mas incerteza, e a confusão em politica não são permanentes; as idéas e os principios tomarão os seus logares; e a luta renacerá, mais vigorosa, mais encarniçada.

E' enquanto nesse jogo, nessa combinação dos interesses de individualidades se perde o tempo precioso, a situação economica do paiz é esquecida; a primeira de suas necessidades, a colonisação, é apenas olhada como mero objecto de expediente.

Isto é certo: quem poderá contestalo com verdade? — No meio deste estado de coisas, que por certo, não é lisongeiro, ha um principio que serve de centro salvador; mas a imprudencia de uns, a ambição, a franqueza e impericia de outros, procedem por modo a desvirtuar esse principio. . . .

E assim vamos bem? . . . Poderemos ter confiança no futuro sem haver uma assizada direcção nos negocios publicos? . . . (*Ext. do Correio da Tarde.*)

Cartas particulares dão o ministerio em crise, e como eminente sua dissolução. O gabinete está com effeito sendo atacado por toda imprensa da corte, o que é um symptoma de sua queda; porque dizem que os grandes jornaes que sustentão, ou accusão todos os governos, tem instincto de Fouche, tem olfacto tão delicado que sentem cheiro cadaverico onde qualquer homeopatha chamaria *corpo santo*.

Uma das accusações feitas geralmente ao governo era que elle se mostra deslial a execução da nova lei de circulos, e falta á confiança publica, que se tinha nelle depositado. O facto de de chamar para administração só pessoas do antigo partido saquarema, e até aquelles que se mostrarão hostis á passagem da nova lei, era já bastante para inspirar pouca confiança na sua apreçoada imparcialidade e lialdade. As consequencias

desse facto vão sendo logicas. Por toda parte os agentes do governo tem procurado sofismar, e illudir a nova lei, acomodando a nova divisão de circulos, não ao interesse do paiz, mas da facção dominante. Os homens sinceros, e honestos de ambos os lados que desejarão seriamente a passagem da reforma, vão com razão desesperando do governo, e seos agentes, e retirando-lhes a confiança que não merecião.

— A farça *Villa Nova do Minho* tinha terminado seo ultimo acto: acabou como era de esperar, foram absolvidos a viuva, genro, testemunhas &c, entregues os 4 mil contos a pobre viuva. Não era possivel que quem possui 4 mil contos fosse criminoso em nosso paiz. Isso era absurdo. Se quem bota gravata em nossa terra não é condenado pelos nossos tribunaes, como poderia ser o uma viscondeza de 4 mil contos! Ora . . . Todo esse espalhafacto foi talvez para que alargasse mais o numero de seos amigos e admiradores. Em verdade hoje quasi todos os jornaes publicão tantos documentos de sua innocencia, tantas provas de seo casamento, que já aborrece aos leitores. Até os rôes de desobriga do finado foram arrancados das sacristias! Foi porem pronunciado o tal dr. Bastos, portador da letra dos 200 contos, para não ser tolo. (*Ext. do Cearense.*)

Uma carta da Capital de 10 de março, diz o seg^o

Até hoje não é chegado o vapor. Temos noticias de Pernambuco até 27 do passado, e consta que a mortalidade alli era de 120 pessoas diarias.

Hoje chegou ao Presidente um proprio do Acaracú mandado pelas authoridades pedindo soccorros, porque alli chegou uma sumaca de Pernambuco, e nella veio um sujeito, que depois de estar em terra foi atacado do cholera; ficava escapo, e ninguem mais o tinha tido, porem temia-se que se propagasse. Aqui vamos em paz. A pesar de mil boatos, nada ha que mereça nem comparar-se á cholerina. Reina alguma dearrhea do tempo. . .

Do Acaracú dizem viera a noticia de que tinham morrido no Recife no dia 28 do passado 150 pessoas!

Na Capital reinava actividade nos preparativos de recepção do fatal hospede. S. Exc. desenvolvia a maior energia nas medidas de Salvção: „ Estou resolvido, diz elle, a faser o meo dever, mas é preciso que a população não se esquega de que não ha recursos que cheguem, si por acaso ficar á cargo do governo soccorrer a todos, e de tudo. „

A PEBIDO.

Em consequencia do que me ordena o Exm. Sr. Presidente da Provincia, no officio abaixo transcrito, convido as pessoas que tiverem meninos segos, para que venhão a casa de minha residencia, com os mesmos para d'elles eu tomar conhecimento e incluilos no mappa exigido em dito officio, o qual já foi publicado na estação da Missa Parochial de 6 do corrente mes. Espero que meus Parochianos não se recusem a este meo convite, para puderem receber o beneficio que o magnanimo coração de nosso Monarca lhes tem de obtopgar. Crato 10 de Abril de 1856.

O Vigario Manoel Joaquim Aires do Nascimento.
Palácio do Governo do Ceará em 28 de fevr^o 1856.

Circular N. 2.

Sendo indispensavel alcançar os dados positivos

sobre o numero dos meninos cegos d'esta Provincia com declaração dos seus nomes, idade, sexo, lugar do nascimento, ou freguesias, e condições das respectivas familias, afim de melhorar a sorte dos que se acharem em circumstancias de carecer do auxilio e protecção, que Houve por bem conceder-lhes **SUA MAGESTADE O IMPERADOR**, cumpre que V. m. trate com todo o zelo e diligencias possiveis de fazer a resenha dos que existirem n'essa Parochia reduzindo esse trabalho a um mappa em que se contenhão aquellas declarações O que executará com a maior brevidade.

Deos Guarde a V. m.

Francisco Chavier Paes Barreto

Sr. Vigario da Freguesia da Cidade do Crato.

EDITAL.

D'ordem do Sr. Inspector desta Thesouraria se faz publico, para conhecimento de todos, o seguinte artigo 11 da Lei n.º 840 de 15 de Setembro do anno proximo passado. A compra e venda de bens de raiz, cujo valor exceder de duzentos mil reis (200\$ rs.,) será feita por escriptura publica, sob pena de nullidade. Secretaria da Thesouraria de Fazenda do Ceará 13 de Fevereiro de 1856.

O Amanuense servindo de Official

Antonio Felcio de Vasconcellos.

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor do Araripe

Tendo lido no n. 39 de seo jornal um communicado assignado por o Sr. J. A. S. sobre negocios publicos da Barbalha, trasendo-me perante o publico como ministrador de certa quantia para a peita do processo das medidas. Premita Sr. Redactor q' por meio de seo jornal responda ao Sr. J. A. S. q' nem uma ingerencia tive em tal negocio nem sei quem a teve, o que se dêo somente foi o seguinte.

Tendo eu certo negocio com o Sr. Capm. Leite, e este indo a minha casa receber certo dinheiro deixou em meo poder 16\$000 para no caso de serem pronunciadas as medidas eu pagar as custas, e d'isto fis ver ao Sr. Delegado de policia.

Passados tempos mandei diser ao Sr. Capm. Leite, que não me sendo exigido o dinheiro desse distincto a elle; a vista do q' mandou intregar ao Sr. Nasareno. Pelo q' lavo dito fui encarregado para ministrar dinheiro para pagamento de custas, mais não de peita como inculca o Sr. J. A. S. a quem pesso melhor explicação a meo respeito não si convencendo d'esta minha resposta. Crato 6 de Abril de 1856. Seo constante leitor.

Severino d' Oliveira Cabral.

Publicação a pedido de hum Sr. Sertanejo.

Uricury 26 de março de 1856.

Da ordem Macena
O Registo fique,
A vós Araripe
Se pede publique.

Hum padre por a varo
Afogou-se em leite e nata,
Dis a Ignacio Jozé Rodrigues,
O leite em sacco, a nata em lata.

Pobre Barros
Perdeu a teta
De bello leite,
E coalhada fresca
Sem ser na secca.

Illm. Sr. Manoel de Barros Torres.

Detremina o Sr. Reverendo Padre Joaquim da Macena Rodrigues Coelho que da manhã 13 do corrente endiante, mande separar o leite que tirarem os negros, para V. m. mandar trazer a coalhada de quatro em quatro dias, vindo tambem a nata que sem ella não se pode fazer obra, outro sim, hade ser o leite de todas as vaccas do Sr. Reverendo padre e tambem o leite das de N. S. sem excepção, e aquellas que os negros ambos puderem tirar, e o Sr. Barros tirará sosinho para si, advertindo não sendo das vaccas milhores, e por isto o portador condus o sacco para trazer a coalhada e uma lata para a nata: outro sim no dia q' faltar alguma vacca o sr. tire poco leite para si. (sub pena de excommunhão, não é assim?) De V. vr. att. Ignacio Jozé Rodrigues.

O AVARO DESCRIPTO POR MASSILLOM.

[O avarento ajunta, só pelo desejo de ajuntar, e não para prover as proprias necessidades; o dinheiro he para elle mais precioso que a saude e que a vida, porque todas as suas acções, todas as suas vistas, todas as suas affeições se dirigem a este indigno objecto. Ninguem se engana com elle, pois não toma nenhuma precaução para encobrir aos olhos do publico a desgraçada propensão que o domina; porque o character desta paixão vergonhosa, he manifestar-se de todos os lados e não dar nenhum passo no exterior que não seja marcado com este maldito character, sendo hum mysterio unicamente para aquelle a quem domina. Todas as outras paixões salvam ao menos as apparencias, e podem occultar-se aos olhos do publico; pois ainda que huma imprudencia as pode patentear algumas vezes, o culpado procura sempre as trevas. Mas quanto á paixão da avareza, o avaro não se occulta senão a si proprio: longe de tomar cautellas para a occultar aos olhos do publico, tudo nelle a annuncia, tudo nelle a patentea; por toda a parte a leva gravada na linguagem, nas acções, em toda a sua conducta, e, para assim diser, sobre a sua frente.

A idade e a reflexão curam de ordinario as outras paixões, ao passo que a avareza parece reanimar-se na velhice e tomar então novas forças. Quanto mais o homem se adianta para o momento fatal em que todo esse sordido cabedal deve desaparecer e ser-lhe roubado, tanto mais a elle se afferra; quanto mais a morte se aproxima, tanto maior he a affeição com que elle contempla o seu miseravel thesouro, e o considera como huma precaução necessaria para hum futuro chimerico. Assim que, a idade remoça digamos assim, esta paixão indigna; os annos as enfermidades, as reflexões tudo ar raiga mais profundamente na alma; ella se alimenta e se inflamma com os mesmos remedios que curam e extinguem todas as outras. Tem-se visto homens em huma decrepitude, em que apenas lhes fica força sufficiente para sustentar hum cadaver prestes a desfazer-se em pó, não conservarem no desfallecimento total das faculdades do espirito hum resto de sensibilidade, e, para assim diser, de signal de vida, senão para esta indigna paixão; só ella se sustenta e reanima sobre as ruinas de tudo o mais; o ultimo suspiro ainda he para ella; até as inquietações dos ultimos momentos lhe pertence, e o infeliz q' morre ainda lança vistas moribundas, q' vão extinguir-se, sobre hum cabedal que a morte lhe arranca, mas cujo amor não pode arrancar-lhe do coração.]

O Sertanejo do Oricury.

Imp. por Jesuino Briseno da Silva.